

1º DE MAIO 2020

O capitalismo mundial, preocupado apenas com sua própria sobrevivência, explora e abandona a classe trabalhadora para o contágio

O capitalismo pode e deve ser derrubado em todos os lugares

Camaradas, trabalhadores,

O capitalismo é responsável pelas perdas causadas por essa epidemia. Em todos os continentes a busca de trabalhadores rurais por um salário para viver, nas assustadoras e insanas aglomerações urbanas do capitalismo, e na migração convulsiva de pessoas que inviabiliza qualquer cuidado preventivo.

Há anos, a ciência médica prevê a disseminação mundial de um novo vírus e seus efeitos terríveis. No entanto, as epidemias não podem ser evitadas nem contidas na sociedade atual. O capital, sempre em busca do lucro imediato, não tem interesse em prever e prevenir. Não tem colocado de lado estoques adequados de dispositivos médicos e não tem treinado um número adequado de pessoal médico. Na verdade, reduziu-os drasticamente em todos os lugares, forçando-os a um excesso de trabalho intolerável; fechou muitos hospitais e transformou outros em "empresas". Seu imperativo é sempre economizar na manutenção e no cuidado da classe trabalhadora.

O contágio esperado finalmente chegou, perturbando uma humanidade completamente despreparada para enfrentá-lo e quebrando as últimas certezas equivocadas sobre a capacidade do capitalismo de proteger a saúde e a vida no planeta.

Diante do flagelo universal, que só pode ser atacado com um plano mundial coordenado de ciência e solidariedade, cada Estado faz um por conta própria. Pior, a crise intensifica a competição entre os centros nacionais de capital e seu egoísmo odioso e desumano. Agrava a guerra comercial com o medo de que concorrentes de outros países aproveitem a situação para privá-los de participação no mercado. Nessa guerra entre burguesias nacionais, os trabalhadores não têm nada a ganhar e tudo a sofrer.

Os industrialistas adiaram o fechamento de fábricas até onde conseguiram: da China à Itália e França, ao Reino Unido e aos Estados Unidos, o que estendeu seriamente o contágio. Mesmo quando as medidas de fechamento de atividades comerciais e recreativas não foram mais adiadas, os gestores da maioria das indústrias encontraram formas de contornar as regras para continuar a produção quando não se tratava de uma empresa onde era conveniente fechar, encontrando brechas fáceis nas regras ambíguas dos blocos governantes.

Assim, obrigaram os trabalhadores a irem para a fábrica, mesmo em indústrias que nada têm a ver com a emergência sanitária, como a produção de aço, e a se arriscarem no transporte público, dividindo grosseiramente a sociedade ao longo das fronteiras de classe: *os proletários hoje não são mais nem mesmo mestres de suas próprias vidas. Como na guerra, eles devem sacrificar-se ao deus dos burgueses, o lucro.*

Enquanto as fábricas são mantidas abertas, greves e assembleias de trabalhadores são proibidas. Os sindicatos, que se venderam ao regime em nome da "solidariedade nacional", endossam o dogma burguês de que a redução da produção "não é uma opção". Que se contentem com um pouco mais de sabão e máscaras: são baratinhos.

E é verdade. *Os capitalistas, para continuar gerando e se apropriando de lucros, precisam aumentar infinitamente a escala de produção.* Por isso, cada empresa, sem nenhum acordo com as demais do setor, como se em guerra com eles, empurra ao máximo o ritmo e a escala de trabalho, na vã esperança de poder encontrar um comprador para o crescimento louco de bens de todos os tipos, um sistema desvairado e anárquico.

O capitalismo não produz com base no que é necessário; produz com base no lucro esperado. A maioria dos bens produzidos, portanto, não tem utilidade social e penaliza cada vez mais os trabalhadores que

os fabricam, os consumidores que são levados a usá-los, e o meio ambiente, que está desnecessariamente desordenado e poluído.

Este absurdo irreparável e óbvio deve bloquear com frequência crescente todos os aparelhos de reprodução do capital e do comércio que é hoje uma máquina global única e intimamente interligada, uma monstruosidade em que até 95% da atividade é inútil ou prejudicial.

Na verdade, no decorrer do ano passado, bem antes da eclosão da epidemia, a crise geral, histórica, secular e inescapável do modo de produção capitalista havia chegado e já estava afetando todas as esferas da vida e da sociedade.

Portanto, não foi a peste que provocou a crise. O isolamento sanitário, que está bloqueando o consumo de todos os bens que não são realmente necessários à vida, em todo o mundo e simultaneamente, amplia a superprodução preexistente de bens e quase paralisa os ciclos infernais da acumulação de capital.

O pânico se espalhou entre a burguesia, que correu para vender na bolsa, enquanto os empresários ficaram horrorizados com a queda de seus lucros. Capitalistas desesperados, em todos os países, apelam para o Estado para ordens, créditos e proteção comercial, bem como para ajudá-los a defender-se das lutas dos trabalhadores. Mas os Estados nada mais são do que associações entre capitalistas e, no final, só recebem sustento da produção capitalista. *Não estão acima das leis econômicas do capitalismo: só podem transferir riqueza de uma parte das classes dominantes para a outra. Ou antecipar-se a algo que deve voltar, mais cedo ou mais tarde.*

Camaradas, trabalhadores,

O fracasso desse sistema político, econômico e social é tão evidente que até mesmo muitos burgueses, nos campos científico, político e religioso, estão exigindo sua profunda reforma: uma relação diferente com a natureza, uma maneira diferente de produzir e uma escolha diferente do que produzir: "hospitais, não armas", dizem eles. Tudo conversa oca. Assim que a emergência acabar, e talvez até antes, tudo voltará ao normal. *Este sistema é tão absurdo quanto incapaz de ser reformado.*

As classes dominantes não vão renunciar pacificamente ao seu poder nem renunciar a seus pequenos privilégios, imensos lucros e parafernália repressiva de seus estados.

A atual agitação dos ritmos de vida não só deve nos ensinar o fracasso do capitalismo, como também que a classe trabalhadora pode prescindir do capitalismo, de todo esse sistema social e econômico. É a burguesia que precisa da classe trabalhadora e não o contrário.

A solidariedade internacional antilaboral dos patrões, que atacam a própria existência dos trabalhadores, deve ser oposta à solidariedade internacional da classe trabalhadora, que luta pela sua emancipação e pela salvação de toda a humanidade.

A classe trabalhadora terá que se mobilizar em todos os países para se defender dos efeitos desastrosos desta crise, para impor suas reivindicações de longa data através da luta:

– salários integrais para os desempregados

– redução generalizada da jornada de trabalho para o mesmo salário

– regularização da situação dos trabalhadores imigrantes

– assistência médica gratuita para todos os trabalhadores

A classe trabalhadora bem organizada em seus verdadeiros sindicatos de classe e bem dirigida por seu partido, o guardião de seu programa internacionalista há muito estabelecido, deve conseguir com sua revolução romper a espessa casca de preconceitos e forças de repressão que ainda aprisiona a nova sociedade comunista, que será sem classes e sem Estado, e que está pronta, robusta e completa para se libertar e se espalhar por todos os países do mundo.

PARTIDO COMUNISTA INTERNACIONAL
international-communist-party.org